

Título da página eletrónica: Oficina Precaria

URL: <http://oficinaprecaria.org>

José Soeiro



Electronic version

URL: <http://rccs.revues.org/5596>

ISSN: 2182-7435

Publisher

Centro de Estudos Sociais da Universidade
de Coimbra

Printed version

Date of publication: 1 mai 2014

Number of pages: 217-218

ISSN: 0254-1106

Electronic reference

José Soeiro, « Título da página eletrónica: Oficina Precaria », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 103 | 2014, colocado online no dia 27 Maio 2014, criado a 04 Outubro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/5596>

The text is a facsimile of the print edition.



não apenas nas relações económicas, mas na vida comunitária, nos espaços de sociabilidade e nos seus modos culturais. De facto, é no mundo do não trabalho que frequentemente as classes subalternas puderam pensar sobre a sua condição e organizar-se para revertê-la. Não é por acaso que as autoridades dos finais do século XIX, nomeadamente em Inglaterra, se empenharam em controlar e proibir as feiras e as tabernas. Elas eram focos de criação de consciência de classe e de preparação de resistência política. Também a experiência dos centros sociais teve, para o movimento autónomo dos anos 60 e 70 do século XX, designadamente em países como Itália, uma importância fundamental na criação de espaços de cultura, politização e de organização que se subtraíam às regras da sociedade mercantil e da economia capitalista, organizando a experiência social a partir de outros princípios e lógicas. No tempo da comunicação em rede e do ciberativismo, a net proporciona um espaço de resistência, de comunicação e

de organização tanto mais relevante quanto a experiência do trabalho é marcada crescentemente pela fragmentação estatutária, pela desarticulação das antigas solidariedades e pelo despotismo patronal que impede a ação coletiva. Também a experiência relacionada com o local de habitação é frequentemente vivida a partir de processos que combinam segregação social e espacial, ausência de uma identidade forte e lógicas de relegação. Mas a relevância desse espaço virtual, como se tem verificado nos conflitos sociais emergentes neste primeiro quartel do século XXI, não anula a importância e a centralidade dos espaços físicos, antes o complementa e o hibridiza. O Mob (como outros espaços que existem em Lisboa e noutras cidades europeias, nomeadamente de raiz mais libertária) parece ser, na sua escala, uma espécie de combinação, para os tempos de hoje, deste tipo de espaços físicos que, como as tabernas ou os centros sociais, misturam resistência cultural, sociabilidades coletivas e conspiração política.

Título da página eletrónica: Oficina Precaria

URL: <http://oficinaprecaria.org>

Apresentada oficialmente no dia 1 de maio de 2012, a Oficina Precaria é um coletivo espanhol que nasce da dinâmica do movimento dos Indignados, em particular da Acampada de Madrid e de uma das organizações que a impulsionou, o Juventud Sin Futuro. Dirigida “a todo o tipo de trabalhadoras intermitentes (desempregadas, empregados com contratos temporários e a tempo parcial, falsas autónomas, estagiários e qualquer outra pessoa com trabalho precário)”, a oficina pretende ser um espaço de coordenação de lutas e resistências para desempregados e precários.

As suas atividades estão organizadas em torno de três eixos. Um deles é a assessoria jurídica gratuita sobre questões laborais, fornecendo informação, respondendo a questões e acompanhando, se for o caso, processos judiciais. Outro é a assessoria para a criação de cooperativas e outras formas de economia social como “alternativa realista ao atual mercado de trabalho”. Ambas têm formulários de contacto online. Em terceiro lugar, a Oficina Precaria tem também uma série de campanhas: “a caminho do 1.º de maio”, “mulheres e precariedade”, “não + bolsas X trabalho” ou “greve sem medo”.

A campanha “no + becas X trabajo”, com página online própria, pretende combater o recurso abusivo por parte das empresas a esta figura legal. Para a Oficina Precaria, a difusão dos estágios prolonga a dependência económica dos jovens, favorece a “fuga de cérebros”, pressiona para baixo os salários dos trabalhadores com contrato, aumenta o défice da Segurança Social porque os estagiários não se quotizam e as empresas não fazem os descontos, fragmentam os coletivos de trabalho e impedem as formas de representação organizada dos trabalhadores. Com informação legal vasta, a campanha tem no sítio eletrónico um espaço para denúncias, compreende a realização de um estudo rigoroso sobre o fenómeno e passa ainda pela pressão institucional junto do Parlamento e pela mobilização social em conjunto com associações de estudantes. Na campanha pelo direito à greve, por seu lado, dinamizada em torno da greve geral europeia de 14 de novembro de 2012, estimulava-se os precários impedidos de fazer greve a juntarem-se aos protestos depois do horário de trabalho e a assinalarem com um laço laranja a pressão de que eram vítimas.

No sítio eletrónico da Oficina Precaria pode ainda encontrar-se informação sobre direitos laborais, sobre as reivindicações do coletivo e sobre matérias como emigração, dívida ou serviços públicos, para além das ações levadas a cabo pelo grupo. Entre elas contam-se debates, participação em manifestações, denúncias, campanhas de rua, *flashmobs* ou performances políticas, de que é exemplo a “grande passerelle da moda precária”, que teatralizou na rua um desfile de moda ironizando sobre as atuais tendências do mercado de trabalho.

Como é sabido, a precarização das relações laborais põe em causa as formas tradicionais de organização dos trabalhadores e isso tem feito emergir em vários países associações e coletivos de precários que procuram reinventar formas de associação, de resistência e de luta. Por outro lado, as grandes mobilizações contra a austeridade e contra o “golpe de estado financeiro” (na expressão dos Indignados espanhóis) nem sempre encontraram formas de continuidade capazes de as inscreverem no tempo. Neste contexto, a Oficina Precaria é uma experiência que merece atenção. Combina temas e referências clássicas do movimento operário (o 1.º de maio, o repertório da greve, a defesa dos serviços públicos), campanhas centradas nas novas modalidades precárias de trabalho (como os estágios) e preocupações de ordem mais geral (como a dívida ou a austeridade). Assume a função de prestação de serviços aos trabalhadores precários mas articula-a com a mobilização social e com a luta política pelo reconhecimento dos direitos destes trabalhadores. Luta pela mudança legal e pela alteração da orientação económica dominante mas combina isso com a criação de espaços de produção e de trabalho alternativos à empresa capitalista (como as cooperativas). Desenvolve ação institucional ao mesmo tempo que utiliza formas mais transgressivas de ação, como as performances de rua. Nesta página eletrónica, ativistas e investigadores encontrarão não apenas o registo do que tem sido a atividade deste coletivo, mas também pistas sobre a morfologia do conflito social em contexto de extensão da precariedade a uma parte cada vez mais significativa da juventude e da população em geral.

José Soeiro